

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS

Walessa Luzia Machado dos Reis

**BUJARU E A “BOCA DA COBRA GRANDE”: A LENDA SOB A
PERSPECTIVA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO**

Castanhal – PA
2014

Walessa Luzia Machado dos Reis

**BUJARU E A “BOCA DA COBRA GRANDE”: A LENDA SOB A
PERSPECTIVA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para a obtenção de grau de Licenciado em Letras
(habilitação em Língua Portuguesa), Faculdade de
Letras do Campus Universitário de Castanhal,
Universidade Federal do Pará.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Dr.^a Sylvia Maria Trusen

Walessa Luzia Machado dos Reis

**BUJARU E A “BOCA DA COBRA GRANDE”: A LENDA SOB A
PERSPECTIVA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para a obtenção de grau de Licenciado em Letras
(habilitação em Língua Portuguesa), Faculdade de
Letras do Campus Universitário de Castanhal,
Universidade Federal do Pará.
Área de concentração: Literatura
Orientadora: Dr.^a Sylvia Maria Trusen

Data de aprovação

Banca Examinadora

_____- Orientadora
Sylvia Maria Trusen
Doutora
Universidade Federal do Para (UFPA / Castanhal)

_____- Avaliador
José Victor Neto
Mestre
Universidade Federal do Pará (UFPA/Castanhal)

Dedico este trabalho a todos que o compuseram comigo, desde as minhas primeiras formações religiosas e culturais à academia. Por isso, ofereço e agradeço a Deus, a minha avó Lídia (*In memórian*), a meus pais, meus avós, meus irmãos meu marido, meus professores, meus amigos e aos contadores de estórias de Bujaru.

AGRADECIMENTOS

Um dia meu Pai falou comigo, tenho certeza que foi comigo, e a partir desse dia nunca mais pensei em desistir. Agradeço, portanto, primeiramente a Deus, por ter me dado força para enfrentar tantos problemas e obstáculos que surgiram no decorrer dessa graduação. Agradeço, ainda, a ele por ter traçado uma trajetória difícil, longa e incerta que me pôs ao lado de pessoas maravilhosas, sem as quais eu jamais teria conseguido.

Agradeço aos meus pais, pela educação e disciplina, pela força indireta e pelo apoio, mais que direto, quando me ajudaram em cada etapa, por vezes, em alguns trabalhos de pesquisa e/ou de produção. Agradeço, pai, pelas ideias, pela figuração em trabalhos de vídeo, pelas apresentações em eventos, por cada momento dedicado à minha graduação. Agradeço, mãe, pelas madrugadas, pelas caronas, pelas viagens, pelos trabalhos de campo, por estar sempre ao meu lado. Agradeço ainda, aos dois, pela confiança, por acreditarem em mim e apostarem no meu sucesso. Prometo não decepcioná-los.

Agradeço aos meus irmãos, que não são poucos, às meninas que estiveram ao meu lado, participando dos meus trabalhos, ouvindo minhas explicações, trabalhando no meu lugar para que eu pudesse estudar, e aos meninos pelas madrugadas ocupadas com meus trabalhos de edição.

In memoriam e com muitas saudades, agradeço a minha querida avó materna, Lídia, que me educou e participou de forma significativa da minha formação cultural, que culminou nesta monografia. Agradeço pela sabedoria, pelos ensinamentos, pela simplicidade de me fazer querer ser grande sem vaidade e ambição. Agradeço por me ensinar a rezar e a pedir a coisa certa: luz. Nunca vou esquecer esse dia.

Agradeço ao meu marido, George, que esteve ao meu lado, do listão à formatura, sempre me dando força e me ajudando em cada etapa dessa graduação. Por ter me acompanhado em algumas viagens e por compreender quando não pode ir junto. Agradeço e peço desculpas pelos domingos, feriados e madrugadas de trabalho que me acompanhou.

Agradeço aos milhões de amigos que conquistei de “turma-em-turma”, em especial à turma de 2009 que me acolheu como filha. Agradeço, portanto, às minhas

amigas Claudia, Priscila, Nayara (Letícia), Elinalva, Wanessa (Furinho), Mônica, e ao meu amigo Auliam pelas tantas risadas que demos juntos, com os trabalhos do professor Marcus Vinicius. Agradeço pela companhia, pelas pizzas, mesmo apressadas pelo horário e pelos compromissos da vida. Essa turma me mostrou o que é, de verdade, fazer sacrifícios pelos estudos.

Agradeço à turma 2010, que me recebeu de braços até o fim da trajetória. Em especial, agradeço a minha amiga e agora comadre, Caroline Paixão por toda a amizade confiada a mim. Agradeço, ainda, aos amigos que compuseram grupos de trabalhos comigo, nessa turma. André, Noêmia, Adriana e Shirlenny, que me convidaram, quando ninguém me conhecia, para compor sua equipe. Karla, Mirley, Caroline, Luana, Bruna, Silmara, Felipe e Eliane, obrigada pela companhia, na espera e no medo de assalto no ônibus.

Agradeço à turma 2011, em especial aos amigos preciosos que estiveram ao meu lado: Renata de Paula, ou melhor, Renatinha, que fez tanto por mim, que me ajudou e me compreendeu em troca apenas da minha amizade que é de coração. Igor Marques e seus abusos, que do jeito dele consegue conquistar a gente. Natália Santos e suas palhaçadas de morrer de rir. Juliana Lameira, a Ju, e sua meiguice. Vocês são meus Cascudinhos do coração. Samara Conde, Neuziane Medeiros, Nayara, Suely Ribeiro, Bruna Rafaelle e Ana Paula Silva. Vou lembrar de cada risada, de cada abraço, normal ou de urso, de cada piada de música, evento, viagem, filme, prova, medo, trabalho, cansaço, estresse, mas principalmente do carinho que recebi.

Agradeço a minha “querido-a” e “lindo-a” amiga Michelly, você arrasa, amiga, com seu coração enorme. Agradeço a Odejane, que, como eu, estive de “turma-em-turma”, na jornada desta graduação. Em especial, mais que especial, agradeço a minha amiga Cássia, que enfrentou comigo cada dificuldade acadêmica, pessoal e financeira de nossa vida. Cada vontade de desistir e de chorar, fostes preciosa em minha vida.

Agradeço a cada um dos meus professores, de forma muito carinhosa, pela sabedoria e conhecimento compartilhado ao longo dessa jornada. Pela força, pela exigência, pela compreensão e pela amizade. Agradeço, portanto a professora Sylvia, que *a priori* me causava certo medo, confesso, mas sempre despertou em mim tamanha admiração pela sabedoria, capacidade e exigência. Orientou-me com muito interesse na minha pesquisa e na continuidade acadêmica desta. Agradeço

com muitas saudades a professora Ana Alice (*In Memoriam*) por compartilhar o seu conhecimento, tão valioso, de forma tão graciosa. Agradeço as professoras Márcia e Zilda pela dedicação e preocupação com a formação de seus alunos. Agradeço as professoras Ineia e Kelly e ao Arimateia, por tudo o que fizeram por mim na secretaria, confiando na minha dedicação e vontade de concluir. No mais, agradeço aos professores Marcus Vinicius, Sérgio Afonso, Marcos André, Carmém Lúcia, Mayara Ribeiro, Orlando Cassique (*In Memórian*), José Guilherme, Rubens e José Victor. Vou lembrar de cada um como meus mestres.

Agradeço aos meus amigos, que participaram comigo da embrionária pesquisa de campo sobre a Cobra Grande, em Bujaru, Luciana e Edvylly (*in memoriam*). Agradeço também aos meus avós paternos, Maria e Arigó, aos meus tios Jader e Bigu, que me ajudaram nas duas fases da minha pesquisa de campo. Agradeço ao Cumpadi Neco, ao Zé Holanda e ao Tãngaha, os contadores de histórias que me receberam com tamanha hospitalidade em sua cultura.

Concluo este agradecimento imitando a dedicatória de Câmara Cascudo em *Antologia do Folclore Brasileiro*: “Aos cantadores e violeiros, analfabetos e geniais, às velhas amas contadeiras de histórias maravilhosas, fontes perpétuas da literatura oral do Brasil, ofereço, dedico e consagro [esta monografia] que eles jamais hão de ler...”

“É como o ar e a água dos rios, terra de estrada e folha de mato amazônico, postos por Deus ao alcance das narinas, boca, mão e pé do bicho homem”.

Luís da Câmara Cascudo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FOLCLORE E LENDA NA PESQUISA DE CASCUDO.....	14
2.1. O FOLK-LORE.....	14
2.1.1. Uso e abuso: cultura popular e folclore.....	16
2.2. LENDA: A TRADIÇÃO DO PENSAMENTO PRIMITIVO.....	19
2.2.1. O mito origina a lenda?.....	20
2.2.2. A lenda segundo Câmara Cascudo.....	21
3. A COBRA GRANDE NO PARÁ.....	24
3.1. “COBRA NORATO” DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.....	25
3.2. SANTARÉM CONTA... “A COBRA GRANDE DE ALENQUER”.....	27
4. BUJARU: A LENDA E SEU NOME, SEUS COSTUMES, SEU ESCUDO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS 1.....	37
ANEXOS 2.....	40

RESUMO

Inerente ao homem amazônico, a Cobra Grande é uma das maiores tradições populares do estado do Pará. Lenda ou mito, é uma narrativa que mantém vivo o folclore de um povo que tem seus costumes regidos por esta crença, que se transmite oralmente e se atualiza nos costumes diários. Este trabalho é fruto do Projeto de Pesquisa coordenado pela professora Dra. Sylvia Maria Trusen “Tradução, Memória e Arquivo: um estudo da participação de Mário de Andrade no Jornal A Folha do Norte e sua Correspondência com Câmara Cascudo e tem por objetivo estabelecer a relação existente entre a lenda da Cobra Grande e a fundação das cidades de Alenquer, Óbidos e Bujaru, no Pará, bem como verificar a relação da lenda e os valores deste último município, cujo nome, em língua indígena quer dizer “Boca de cobra”. Para tanto, esta pesquisa irá conceituar o folclore, o mito e a lenda segundo os estudos de Luís da Câmara Cascudo a partir de sua pesquisa folclórica, por meio de suas publicações, a saber: *Antologia do Folclore Brasileiro* (s/d), *Folclore do Brasil* (1967), *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2002), *Literatura Oral no Brasil* (2006), entre outros.

Palavras-chave: Folclore. Tradição. Lenda. Mito. Cobra Grande.

RESUMEN

Inherente al hombre amazonico, la Gran Serpiente es una de las mayores tradiciones del estado de Pará. fábula o mito, es una narrativa que mantiene vivo el folclore de un pueblo que tiene sus costumbres rigen por esta creencia, que propaga oralmente y actualiza en los costumbres cotidianos. Este trabajo es el resultado del proyecto de investigación coordinado por la profesora Dra. Sylvia Maria Trusen "Tradução, Memória e Arquivo: um estudo da participação de Mário de Andrade no Jornal A Folha do Norte e sua Correspondência com Câmara Cascudo" y tiene por el objetivo establecer la relación existente entre la fábula de la Gran Serpiente y la fundación de las ciudades de Alenquer, Óbidos y Bujaru, en el Pará, para verificar la relación de la fábula y los valores deste ultimo municipio, cuyo nombre, en la lengua indígena significa "Boca de cobra". Por lo tanto, esta investigación irá conceptualizar el folclore, el mito y la fábula según los estudios de Luís da Câmara Cascudo a partir de su investigación folclórica, a través de sus publicaciones, a saber: *Antologia do folclore Brasileiro*(s/d), *Folclore do Brasil*(1967), *Geografia dos Mitos Brasileiros*(2002), *Literatura Oral no Brasil*(2006),y otros.

Palabras-clave: Folclore. Tradición. Fábula. Mito. Gran Serpiente.

1 INTRODUÇÃO

A crença em histórias de cunho maravilhoso é um hábito inerente ao homem amazônico, principalmente quando este homem habita localidades à margem do rio. Para este indivíduo a lenda “Não é uma história, não é um conto; é uma verdade, uma realidade.” (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 216). A lenda da Cobra Grande compõe um acervo riquíssimo do imaginário amazônico. Foi compilada e registrada por Câmara Cascudo em *Lendas Brasileiras* e pelo projeto IFNOPAP nas várias edições que integram a coleção *Pará Conta*, e é narrada por inúmeros contadores de histórias, de diferentes lugares, que acreditam no que viram e/ou no que ouviram de seus pais, avós e “mais antigos”.

Verdade ou fantasia, a Cobra Grande é uma manifestação folclórica de grande valor para a região Norte, presente no cotidiano do homem nativo. A lenda, como Cascudo mostrou em *Antologia do Folclore Brasileiro*, tem o objetivo de “educar a inteligência do selvagem” (MAGALHÃES apud CASCUDO, s/d, p. 207) e, portanto, como Rodrigues (apud CASCUDO, s/d) afirmou, são fatos e fenômenos naturais que o homem não busca desvendar, combinam com a imaginação fantástica e tornam-se verdades a serem passadas pela tradição.

A lenda da Cobra Grande é milenar e contemporânea, dela não se sabe a autoria, onde nasceu, ou qual foi sua primeira versão. Faz parte do patrimônio de tradições do homem amazônico. Descobrir sua origem não é o que pretende este trabalho, mas compreender a relação existente entre a lenda e a fundação das cidades de Alenquer, Óbidos e Bujaru, todas no Pará, bem como a relação existente entre a lenda e o nome deste último município. Bujaru, cujo nome, em língua indígena quer dizer “boca de cobra”, é uma cidade que carrega esta crença em seu nome, seu escudo e seus costumes. Para tanto, faz-se objeto desta pesquisa “Cobra Norato”, presente em *Lendas Brasileiras* de Cascudo (2001), “A cobra grande de Alenquer” presente em *Santarém Conta...* organizado por Simões e Golder (1995) e a “Boca da cobra grande” contada por moradores da cidade de Bujaru.

A ideia deste trabalho nasceu a partir de uma das etapas do Projeto de Pesquisa “Tradução Memória e Arquivo: um estudo da participação de Mário de Andrade no *A Folha do Norte* e sua correspondência com Câmara Cascudo”,

coordenado pela professora Dra. Sylvia Maria Trusen, que consistia em pesquisar, nos estudos de Cascudo e em suas publicações no *Suplemento Arte e Literatura* do *A Folha do Norte*, os conceitos de folclore, mito e lenda. Além disso, o trabalho também buscou inspiração a partir de uma pesquisa de menor natureza, feita no segundo semestre do curso de Publicidade e Propaganda para a disciplina Cultura Brasileira que apresentava a lenda da “Boca da cobra grande” em Bujaru.

Diante disso, destacamos o método como o trabalho foi desenvolvido, tendo, portanto, a etapa que consiste na escolha e levantamento de material teórico, sido feita dentro do Projeto de Pesquisa e a escolha e coleta das narrativas feita de duas maneiras: uma pesquisa bibliográfica, que consistiu na escolha das narrativas já compiladas “Cobra Norato” e “A cobra grande de Alenquer” e uma pesquisa de campo que coletou a narrativa “Boca da cobra grande”.

A pesquisa torna-se importante à medida em que valoriza as tradições de um povo regida pela crença em seu próprio folclore e conserva o “pensamento primitivo (...) das épocas de sua origem” (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 216).

Estabelecer a relação que pretende este trabalho exige um conhecimento que vai além de ouvir as histórias maravilhosas dos contadores. Por isso, iremos tratar, nos capítulos que seguem, a respeito do conceito de folclore, segundo os estudos de Câmara Cascudo e outros estudiosos, bem como os conceitos de mito segundo Eliade e o de lenda segundo Cascudo, para podermos partir para o estudo proposto.

É importante destacar que anos de pesquisa de um estudioso que nasceu no folclore jamais poderia ser dominado por esta simples monografia. Porém, buscar o que pretende esta pesquisa é, sem dúvida, um trabalho que só poderia ser motivado pelas mesmas razões que levaram o estudioso potiguar a estudar o folclore. Por isso, faço minhas as palavras de Cascudo: “Nunca me interessei pelo folclore. Ele é que se interessou por mim.” (CASCUDO, 1964, apud. BARRETO, 2010, p. 14). Tendo eu, raízes na cidade de Bujaru, convivido, pois, com os nativos da região, tenho a lenda da Cobra Grande presente no meu patrimônio de tradições. Estudá-la pelo viés da ciência vem a ser desafiador e fantástico.

2 FOLCLORE E LENDA NA PESQUISA DE CASCUDO

Para compreender o que pretende este trabalho, é necessário, antes, entender o conceito de folclore, no que consiste o seu estudo crítico. Cumprir esta tarefa, com base nos estudos de Câmara Cascudo não poderia ser menos delicado quanto foi, para o próprio, defini-lo. Anos de pesquisa e escrita nos deixou um material extenso, curioso e, sobretudo, valioso a respeito do folclore.

Este capítulo trará as definições de folclore propostas por Câmara Cascudo no decorrer de sua pesquisa, a partir de publicações encontradas no suplemento *Arte e Literatura* do jornal *A Folha do Norte* e em sua bibliografia, a saber: *Antologia do Folclore Brasileiro* (s/d), *Folclore do Brasil* (1967) e *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2012). Vale levar em consideração alguns estudiosos que seguem, ou não, sua perspectiva, no intuito de melhor compreender o conceito de folclore enquanto ciência e de que maneira ele está sendo estudado. O capítulo também trará a definição de lenda, considerando alguns estudiosos anteriores a Cascudo, contemplados por ele na sua *Antologia do Folclore Brasileiro* (s/d) como Couto de Magalhães (1836-1898) e Barbosa Rodrigues (1842-1909).

2.1 O FOLK-LORE

The lore of the people: a sabedoria do povo. Foi com o intuito de defini-la que o arqueólogo inglês William Jhon Thoms propôs o uso do termo Folk-Lore, que intitulou o seu artigo publicado na revista *The Athenaeum*, com o pseudônimo de “Ambrose Merton”. *Folk*, quer dizer povo, nação, família; *Lore*, sabedoria, instrução, conhecimento, como afirmou Cascudo (1967).

Pellegrine Filho (1982), em sua *Antologia do Folclore Brasileiro*, do século XX, como chamou Cascudo no prefácio desta mesma obra, reúne conceitos de folclore propostos por escritores brasileiros como João Ribeiro que, segundo o autor, foi um dos primeiros a definir o folclore como “uma pesquisa da psicologia dos

povos” (RIBEIRO apud PELLEGRINE FILHO, 1982, p. 12). Théo Brandão, por sua vez, diz que o folclore é “a cultura arcaica (antiga) e vulgar (não oficial, não aprendida na escola, etc.) na sociedade moderna” (BRANDÃO apud PELLEGRINE FILHO, 1982 p. 18). Mozart de Araújo afirma que “Folclore é a ciência que estuda a cultura popular” (ARAÚJO apud PELLEGRINE FILHO, 1982, p. 18). O próprio Pellegrine irá dizer que o folclore significa “o pensar, o sentir, o agir empíricos de agrupamentos humanos, expressos com espontaneidade (...)” (PELEGRINE FILHO, 1982, p. 11). Câmara Cascudo, em uma de muitas definições resume o folclore enquanto patrimônio de tradições de um povo. Vai dizer ainda que o folclore “É a cultura popular, tornada normativa pela tradição.” (CASCUDO, 2012, p. 304).

Seja qual for a definição adotada, dessas poucas citadas, ou qualquer outra reunida por Pellegrine Filho (1982) ou por Cascudo em toda a sua pesquisa, alguns pontos comuns devem ser percebidos: o popular, a tradição e a ciência.

O folclore é, portanto, uma ciência que vem do povo e se mantém por meio da tradição. Compreendê-lo consiste em conhecer o povo. Ninguém fez isso melhor do que Câmara Cascudo. Amante de sua nação e de sua terra, o folclorista potiguar conheceu e nos apresentou a o que há de mais rico em uma nação: a sabedoria, a tradição, a essência do povo, o folclore. Cascudo foi um verdadeiro *Dicionário do Folclore Brasileiro*, como afirmaram “os dois Andrades”:

- Já consultou o Cascudo? (...) Ele diz tintim-por-tintim a alma do Brasil em suas heranças mágicas, suas manifestações rituais, seu comportamento em face do mistério e da realidade comezinha. Em vez de falar *Dicionário Brasileiro* poupa-se tempo falando “o Cascudo”, seu autor, mas o autor não é só dicionário, é muito mais, e sua bibliografia de estudos folclóricos e históricos marca uma bela vida de trabalho inserido na preocupação de viver o Brasil (...) (ANDRADE apud CARVALHO, 2013, p. 17).

Dicionário do Folclore Brasileiro toma a forma do próprio Cascudo, não apenas em um processo linguístico de metonímia, mas por uma razão de ser. Cascudo começou este volume com o intuito de ajudar a si mesmo, para efeito de consulta própria, mas a obra espelhou a riqueza do autor e virou, como toda a sua pesquisa folclórica, fonte para inúmeros trabalhos acadêmicos e científicos a respeito do folclore.

Este trabalho irá, portanto, contemplar a pesquisa folclórica de Cascudo, considerando sua perspectiva, seus conceitos e as vozes trazidas por ele em sua

Antologia do Folclore Brasileiro (s/d).

2.1.1 Uso e abuso: cultura popular e folclore

É delicado falar sobre o folclore, porque o termo “é como o gato que cai sempre em cima das quatro patas, seja como for atirado.” (CASCUDO, 1947, p. 3). A facilidade com que soa esta palavra aos nossos ouvidos é prejudicial ao folclore. O uso deste termo vem sendo feito de maneira generalizada a tudo o que pertence ao âmbito do popular. A pesquisa de Cascudo buscou, sobretudo, dar ao folclore o que é do folclore: o status de ciência, e deu.

De fato, o folclore pertence ao âmbito do popular. É uma ciência do povo e, por isso, íntima ao homem. Mas, por ser ciência, afasta-se da definição de popular. A grosso modo é possível dizer que o folclore é popular, mas não necessariamente, o popular é folclórico. Podemos fazer uma relação entre estes conceitos observando a seguinte fala de Cascudo:

Nunca me interessei pelo folclore. Ele é que se interessou por mim. Mário de Andrade não podia compreender. Pensava que eu tinha sido levado à cultura popular pela erudição. Não! A cultura popular é que me levou a esta. (...) (CASCUDO apud BARRETO, 2010).

Cultura popular e erudição estão na fala de Cascudo com o mesmo sentido que há na relação entre popular e folclórico. Este segundo pertence ao âmbito da erudição, da ciência, sem que exclua, mas sim incorpore o que parte do popular. Impossível separá-los. O popular caminha em direção ao folclórico. Cascudo (2012) afirma que uma manifestação popular pode tornar-se folclórica em quarta dimensão.

A Associação Brasileira de Folk-Lore, fundada em 1941, apresentou, no I Congresso Brasileiro de Folclore, os requisitos mínimos para um fato popular ser considerado folclórico, são eles: antiguidade, anonimato, divulgação e persistência. Alcoforado (2008) as considerou conservadoras e segundo ela, em 1995 o VIII Congresso Brasileiro de Folclore aprovou a releitura da Carta do Folclore que propunha algumas modificações. Dentre elas, reapresenta os requisitos mínimos do fato folclórico: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade.

Não cabe, pois, a esta pesquisa trabalhar com a releitura, tampouco julgar a definição de 1941. É papel deste trabalho verificar algumas narrativas da Cobra Grande como parte integrante do folclore, a partir da pesquisa de Câmara Cascudo. Por isso, iremos adotar a definição proposta pelo I Congresso Brasileiro de Folclore, que compreende que o fato folclórico deve ser “antigo na memória do povo, anônimo em sua autoria [e localização], divulgado em seu conhecimento, e persistente nos repertórios orais ou no hábito normal” (CASCUDO, 1967, p. 13).

Para Cascudo (2012), o conceito de folclore vai além do termo proposto por Thoms em agosto de 1846. É uma ciência do povo, de seus costumes, de suas crendices, de sua memória, de sua tradição, o folclore é, ainda mais, a essência, a tradição viva do homem na atualidade. O folclore tem de ser antigo, mas, para Cascudo (1967), ele se atualiza imediatamente com os costumes diários, de maneira natural. É, portanto, cotidiano e inerente ao homem.

Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelos costumes. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. (CASCUDO, 1967, p. 9).

Quem nunca viu/ouviu um costume, uma superstição, um ditado ser dito de maneira diferente em outro lugar ou em outro tempo? O folclore se modifica, se readapta, se renova, mas não morre.

Muito se tem falado a respeito de “resgatar” o folclore, mas é preciso perceber que este nunca foi perdido. Uma estória, uma lenda, uma anedota, talvez possa desaparecer no tempo e no espaço, caso não seja mantida pela tradição, mas o folclore estará sempre presente no mundo enquanto houver humanidade. Para que seja extinto “é preciso que sucumba a própria função” (CASCUDO, 1967, p. 10).

Não consiste o FOLCLORE na obediência ao pinturesco [sic], ao sertanejismo anedótico, ao amadorismo do caricatural e do cômico, numa caçada monótona ao pseudo-típico, industrializando o popular. É uma ciência da psicologia coletiva, com seus processos de pesquisa, seus métodos de classificação, sua finalidade em psiquiatria, educação, história, sociologia, antropologia, administração, política e religião (CASCUDO, s/d, p.9).

O folclore, por tanto, tem uma razão de ser. Faz parte da coletividade e está

ligado à educação e à outras ciências. Cascudo (1947) questiona até que ponto o folclore pode ser considerado uma ciência autônoma, sem que esbarre na antropologia, na sociologia, ou na história.

É a cultura popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional. A mentalidade móbil e plástica, torna tradicional os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato coletivo [...] (CASCUDO, 2012, p. 304).

Ora, o folclore, portanto, pertence à tradição, vem da transmissão oral, da conservação dos costumes, por isso é milenar, e por isso faz-se necessário que o fato folclórico seja antigo na memória do povo, para que possa ser conservado, continuado, apesar de modificado. E essa conservação, essa transmissão, sustentam o folclore no tempo e no espaço, o mantém vivo e útil, portanto, divulgado e persistente.

“As tradições populares não se demarcam pelo calendário das folhinhas; a história não sabe do seu dia natalício, sabe apenas das épocas de seu desenvolvimento.” (ROMERO apud CASCUDO, s/d, p. 283). Cascudo (1967) afirma que é necessária a omissão dos nomes próprios, das autorias e das localizações, e sobre este ponto levantam-se certas questões. Como então conhecemos estórias com personagens, ou que aconteceram em “tal lugar”? Cascudo (2012) destaca que uma criação de um poeta conhecido pode integrar-se à psicologia coletiva e tornar-se folclórica na quarta dimensão, na transmissão oral, apesar de se conhecer o autor, uma quadrinha pode incorporar várias versões e a ele não mais pertencerão, mas ao povo que a tomou e a tornou folclórica.

Para Cascudo (2012), todo objeto, ação, cantiga, máquina, estória, que projete o interesse humano, além de sua funcionalidade original, é folclore. Portanto, como destaca o autor, alguns elementos do cotidiano possuem e/ou aparecem na literatura oral. Nas cantigas, nas estórias de assombro, nas anedotas, enfim. O folclore não é um gênero, é uma ciência, um conceito que está inerente à humanidade e estará presente onde houver gente, conservando costumes, atualizando valores, vivos e enraizados ao passado.

Dar adeus e saudar com a mão agitada ou tocar levemente na fronte, não têm idade. Uma estória ouvida a um indígena do Amazonas está na Nova Guiné. O andar rebolado das nossas donas é um produto de importação. Trouxe-o o africano banto que o teria da Polinésia, onde o chamam *onioi*, e

é técnica de sedução, ministrada regularmente. Estiar a língua é desafio para os romanos três séculos antes de Cristo. Leite de côco veio da Índia. A dança que denominamos “Moçambique”, não existe em Moçambique. O gesto feio de “dar bananas” é europeu. França, Itália, Portugal, Espanha, conhecem e usam. Figura num mosaico em Pompéia. Brasileiro é o nome, aplicado a musácea, banana, que por sinal, é vocábulo africano [...] Essas pequeninas citações apenas positivam a convergência de elementos que ajudam a formar o nosso cotidiano. (CASCUDO, 1967, p. 11).

Todas essas manifestações ajudam a formar o nosso cotidiano e, portanto, o nosso folclore. Cada costume, cada tradição sobre a qual não fazemos ideia de sua origem, compõe o nosso patrimônio de tradições, conservado e mantido vivo pela atualização imediata do cotidiano do povo. “Usando e abusando do FOLK-LORE [o termo] e não o estudando não seremos capazes de compreender o Homem Brasileiro na sua normalidade diária...” (CASCUDO, 1947, p. 3).

2.2 LENDA: A TRADIÇÃO DO PENSAMENTO PRIMITIVO

Rodrigues afirma que a lenda é “a tradição viva do pensamento primitivo e do desenvolvimento intelectual das épocas de sua origem” (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 216). A partir disso, pode-se compreender a fala do autor quando diz não conhecer qualquer lenda de origem genuinamente brasileira, mas apenas adaptações, o que chamou de “cores locais”, que se fazem necessárias pelo ambiente para sua compreensão lógica. Nesse sentido, retornamos a questão do anonimato na autoria e na localização geográfica, para explicar as várias versões de uma mesma história, separadas no espaço e no tempo.

A lenda é folclórica, e, por sua semelhança com o mito, faz-se necessária a diferenciação dos termos para melhor compreensão, uma vez que as narrativas, que se fazem objeto desta pesquisa, também se configuram como mito, em alguns estudos.

2.2.1 O mito origina a lenda?

Rodrigues afirma que “quase sempre o mito origina a lenda” (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 216). Partindo deste pressuposto, podemos entender o mito como algo mais amplo frente à lenda. Para Eliade (1991) o mito está ligado ao tempo do princípio e busca explicar a realidade de forma fabulosa, apoiando-se em entes sobrenaturais.

Segundo Cascudo (1967), há, no que ele chamou de fauna miraculosa do folclore brasileiro, uma classificação em relação à função dos mitos. Temos, portanto, os Mitos de Transformação e os Permanentes. Este segundo, como o próprio nome aponta, são aqueles que se mantêm imutáveis em sua forma exterior como a Caipora, o Curupira, o Boi-tatá, entre outros. Já os de transformação, os que mais nos interessam nesta pesquisa, subdividem-se em Punição e Encantamento. O primeiro está ligado ao castigo do mal. Seres que desobedeceram regras e vivem a cumprir sua punição como a Mula sem Cabeça. Os de encantamento também estão ligados ao cumprimento de uma pena, não ligadas ao castigo, mas apenas ao âmbito do sobrenatural, podendo, ou não, livrar-se do encantamento.

Os de Encantamento são cumprimento de penas sobrenaturais, passíveis de terminação, por um ato heróico de criatura viva, ou satisfação da sentença, expiração de prazo. A Cobra Norato, no Pará, era o mameluco Honorato que, na pele de enorme serpente aquática, aterrorizava os navegantes. Libertou-se da sina porque um valente soldado de Cameté sacudiu um pouco de leite humano às goelas e acutilou-a na cabeça, marejando sangue. (CASCUDO, 1967, p. 129)

Também vinculada ao âmbito do sobrenatural, a lenda, segundo Rodrigues (apud CASCUDO, s/d) explica efeitos sobre os quais não se conhece a causa, porém, não se configura como uma história, mas um fato, uma realidade, como melhor abordaremos mais à frente. Para Cascudo (2002) esses termos, apesar de próximos, se distanciam da seguinte maneira:

O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um sistema central, com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço. (CASCUDO, 2012, p. 396).

A lenda, por outro lado, é transmitida oralmente e fixada no tempo e no espaço, ainda segundo o autor. Em resumo, podemos compreender mito e lenda

como conceitos interligados, assim, o mito se configura de modo mais abrangente, enquanto que a lenda apresenta-se de maneira local, fixada, apresentando-se aos seus narradores como um fato que, apesar de sobrenatural, é mais próximo de sua realidade.

Max Müller, tentando resumir os teóricos alemães de Tübingen e Göttingen, risca o esquema simplificador: - O mito passa ao estado de lenda e a lenda se torna conto. Intervendo os termos: - Um conto popular é um fragmento ou material total de uma lenda, esta de um mito primitivo. (CASCUDO, 2006, p. 111).

Neste sentido, concordamos com Rodrigues (apud CASCUDO, s/d) quando afirma que a lenda é, quase sempre, originada do mito. A crença na Cobra Grande aparece nos estudos de Cascudo ora como mito, ora como lenda. Podemos efetivamente compreender o sentido da Cobra Grande enquanto mito, presente no cotidiano do homem nativo desta região. Cascudo (2012) vai dizer que a Cobra Norato ou Honorato (a cobra grande) é uma tradição popular paraense que se espalhou pela Amazônia. E, como o próprio autor afirmou, sendo o mito uma espécie de sistema de lendas, entendemos que o mito da Cobra grande desempenha o papel de lenda nas narrativas “A Cobra Norato” de *Lendas Brasileiras*, “A cobra grande de Alenquer” de *Santarém Conta...* e a “Boca da Cobra Grande” de Bujaru, a medida em que se apresentam fixadas em sua localização geográfica.

2.2.2 A lenda segundo Câmara Cascudo

A palavra lenda vem de *legere*, a origem letrada do processo, adaptada pelo povo e conservada como “a faculdade criadora dos seus próprios assombros” (CASCUDO, 1967, p. 89). Pertence ao nosso folclore e é conservada pela tradição oral. Segundo Cascudo (2012), a lenda pertence ao conto popular, o *folk-tale*, que, como o folclore, também deve obedecer a quatro quesitos mínimos: antiguidade, anonimato, persistência e oralidade.

A lenda incorpora o valor simbólico e amedrontador do âmbito do

sobrenatural e, para Magalhães possui a intenção de “educar a inteligência do selvagem” (MAGALHÃES apud CASCUDO, s/d, p. 207). Cascudo (1967) afirma que a nossa formação de valores, da noção do bem e do mal são formados a partir de histórias e lendas que ouvimos quando crianças e, por conta disso, no trajeto de nossa maturidade não nos deparamos com surpresas por já termos entrado em contato com algo de mesma natureza. Para Rodrigues (apud CASCUDO, s/d) a lenda:

“Não é uma história, não é um conto; é uma verdade, uma realidade. Aquêles efeitos, cujas causas ignoram, e não procuram descobrir, casam-se tão bem na imaginação, que passam a ser verdades incontestáveis. (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 155-156).

Cascudo (1967) irá dizer que as lendas são soluções encontradas nos povos mais distantes, que buscam, portanto, explicar fenômenos e fatos aparentemente sobrenaturais e, ao contrário do que muitos acreditam, a lenda é uma cultura de importação. Ora, se ela é, como afirmamos anteriormente, “a tradição viva do pensamento primitivo e do desenvolvimento intelectual das épocas de sua origem” (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 216), podemos entender que a lenda é tal e qual, nossas etnias: produtos de grande miscigenação. Cascudo (1967) diz ser quase possível “acompanhar uma história através dos continentes e do tempo” (CASCUDO, 1967, p. 60). Ainda segundo o autor, elas, assim como os mitos e, portanto, todo o nosso folclore, foram trazidos pelos portugueses, emprestaram alguma sabedoria africana e adaptaram-se à cultura local em um entendimento lógico.

As lendas, como as plantas transplantadas, também medram, e, conforme a civilização do povo, perdem-se ou vigoram enfeitando-se com as côres locais. Entre a gentilidade não há lendas e sim crenças; a marandiba e a parandiba ocupam seus serões, mas essas só se referem às suas vitórias, aos seus guerreiros, às suas caçadas e seus amores. Com origem mitológica puramente indígena não conheço nenhuma. (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 216).

A Cobra Grande, lenda que se faz objeto desta pesquisa, apresenta semelhanças com outras lendas em outras paragens do mundo. Câmara Cascudo (2001) apresenta a Cobra Norato como pertencente à região Norte. Em *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2002), o autor traz a Cobra Norato como um mito secundário e local, também pertencente à região Norte, sem deixar de fazer relação com outras

variações desta mesma crendice e, portanto, as descendências étnicas deste mito.

A lenda localiza-se frequentemente, dando renome aos lugares consagrados por ela. Normalmente está ligada a aparição divina, ou intervenção de santos, provocando uma estória respeitosa que o povo guarda na memória e vai repetindo através dos anos. Em todas as províncias do Brasil existem lendas referentes às imagens ou milagres, determinando a ereção de templos ou ritmo de romarias. Aparição e desaparecimento de imagens que se evadem das igrejas e escolhem o sítio da futura veneração, são os aspectos mais comuns. Paralelamente vivem as lendas punitivas, cidades ou povoações, pessoas ou coisas, que foram castigadas pela submersão e no fundo dos rios ou lagoas continuam vivendo e fazendo-se sentir pelas vozes, sons de sinos, cantos de galos, rumor confuso de uma multidão encantada, cumprindo penitência. (CASCUDO, 1967, p. 87 – 88).

São muitas as cidades, povoados, bairros, ruas, dentre outras localidades brasileiras que foram batizadas e/ou erguidas a partir de crenças em lendas, sejam elas vinculadas a aparições divinas, milagres ou de cunho punitivo, como afirmou Cascudo (1967) no trecho acima. A cidade de Aparecida, em São Paulo, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém são os exemplos mais conhecidos. Ambos ligados à aparição de imagens, para as quais foram erguidos templos e tornaram-se tradições. De cunho punitivo, ou melhor, do âmbito da penitência, as lendas que se fazem objeto desta pesquisa também estão ligadas às localidades, nomeando municípios, como o caso de Bujaru, cujo nome em língua indígena quer dizer “boca de cobra”, ou apenas voltadas à origem e/ou ao fado do desaparecimento daquele local, como Alenquer e Óbidos.

3 A COBRA GRANDE NO PARÁ

“A cobra grande existe na Amazônia, rica, bela e cheia de mistérios” (SIMÕES E GOLDER, 1995, p. 36). A crença no mito da Cobra Grande paira sobre a Amazônia, a região norte e, portanto, sobre o Pará. Inúmeras são as cidades ribeirinhas que acreditam viver sobre uma cobra adormecida e encantada. Não seria possível, obviamente, trabalhar com todas narrativas paraenses de Cobra Grande. Para este capítulo, importa apenas destacar “Cobra Norato” de Cascudo (2001) e “A cobra grande de Alenquer” recolhida por Simões e Golder (1995), para reafirmar a presença dessa crença no cotidiano do homem nativo desta região, deixando para o último capítulo a terceira narrativa, ainda não compilada, que se faz objeto desta pesquisa: a “Boca da cobra grande”.

O mito da Cobra Grande é, segundo Câmara Cascudo (2002), uma narrativa de tecido muito complexo. Esta complexidade se apresenta na própria fronteira entre Cobra Norato mito e Cobra Norato lenda. O primeiro, para Cascudo (1967), enquadra-se, como dito anteriormente, aos mitos de encantamento, cuja transformação é passível de terminação. Veremos, pois, à frente, que o moço que cumpre seu fado em forma de cobra poderá, ou não, livrar-se do encantamento por meio de “ato heróico de criatura viva” (CASCUDO, 1967, p. 129). O autor ainda irá afirmar que este mito, em relação ao que chamou de áreas de função, será classificado como municipal, portanto, local, adequando-se a sua ecologia.

Correspondendo às *áreas de função*, êsses entes espantosos dividem-se em gerais, regionais, e locais, ou mais administrativamente: federais, estaduais e municipais.

(...) A Cobra Grande, Capelobo, Mapinguari, são municipais, locais, agindo em zonas adequadas e propícias à sua ecologia. (CASCUDO, 1967, p. 126).

A Cobra Grande, ao apresentar essas características, aproxima-se do estado de lenda, que fixa-se geograficamente “dando renome aos lugares consagrados por ela” (CASCUDO, 1967, p. 87), e, portanto, a mesma história será apresentada pelo autor em *Lendas Brasileiras*. Sobre esta narrativa, enquanto lenda, Cascudo (1967) não chega a classificar, porém, fala das lendas punitivas, como tratamos no capítulo anterior, que aproxima-se das características desta lenda.

3.1 “COBRA NORATO” DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Câmara Cascudo em toda a sua pesquisa folclórica traz sempre a Cobra Grande como pertencente à Região Norte. Em *Geografia dos Mitos Brasileiros* (2002) o autor a enquadra como mito secundário e local, destacando ser uma das mais populares tradições do estado do Pará. Em *Lendas Brasileiras* (2001), Cascudo organiza as lendas por regiões, deixando “Cobra Norato” nas lendas da Região Norte.

A lenda conta a história de uma mulher que ficou grávida de gêmeos e deu a luz a duas serpentes escuras, as quais batizou com nomes cristãos: Honorato e Maria. Não podendo viver em terra, a mãe “sacudiu-os nas águas do paranã” (CASCUDO, 2001, p. 25), onde se criaram livres e ficaram popularmente conhecidas por Cobra Norato e Maria Caninana: uma cobra boa e outra má.

A cobra má era Maria Caninana, que, segundo a lenda, matava pescadores, naufragava embarcações e feria os peixes pequenos. Dentre suas maldades, provocou um terremoto na cidade de Óbidos, onde, adormecia uma serpente encantada, sua cabeça ficava debaixo da igreja, mais precisamente do altar da Senhora Sant’Ana e sua cauda no fundo do rio. Maria Caninana mordeu a cauda da serpente para vê-la sair de seu esconderijo e afundar a cidade, porém, a cobra não acordou, apenas se mexeu, rachando a terra desde o mercado até a matriz da cidade.

Diferente de sua irmã, Cobra Norato era bom, ajudava os pescadores, salvava pessoas de morrerem afogadas e sempre visitava sua mãe. Ao anoitecer, Honorato deixava seu corpo de cobra à beira do rio e se transformava em um lindo homem vestido de branco. Dormia no ceio de sua mãe e retornava às águas e ao seu fado, antes do último cantar do galo. Honorato ficou sozinho pelos rios depois de matar a irmã má, mas sempre à noite, nos festivais, “subia, todo de branco, para dançar e ver as moças, conversar com os rapazes, agradar os velhos.” (CASCUDO, 2001, p. 27). No meio da madrugada, ouvia-se o mergulho da cobra: Honorato cumprindo seu destino. Ele sempre pedia que alguém lhe livrasse do encanto.

Uma vez por ano Cobra Norato convidava um amigo para desencantá-lo.

Amigo ou amiga. Podia ir na beira do paranã, encontrar a cobra dormindo como morta, boca aberta, dentes finos, riscando de prata o escuro da noite: sacudir na boca aberta três pingos de leite de mulher e dar uma cutilada com ferro virgem na cabeça da cobra, estirada no areião. (CASCUDO, 2001, p. 27).

Depois de cumprido o feito, a cobra fecharia a boca, sairiam três gotas de sangue da ferida. O corpo da cobra poderia ser queimado e Honorato estaria livre do encanto, se alguém tivesse coragem de o fazer. Muita gente tentou, teve pena, mas não conseguiu, a própria mãe não teve coragem, pois quando estava ali, em forma de cobra, mesmo adormecida, assustava. Cobra Norato, então, continuava nas águas cumprindo seu fado.

Um dia alguém teve coragem de desencantá-lo. Foi um soldado que Honorato conheceu em Cametá, ao deixar seu corpo de cobra à beira do rio e ir dançar como sempre fazia. Ele cumpriu o feito, pingou três gotas de leite entre os dentes da cobra que adormecia como morta e deu a machadada na cabeça, que pingou sangue. A cobra se debateu, depois parou, libertando Honorato do seu encanto, transformou-se em homem e ali, naquele município viveu o resto de sua vida.

Honorato deu um suspiro de descanso. Veio ajudar a queimar a cobra onde vivera tantos anos. As cinzas voaram. Honorato ficou homem. E morreu, anos e anos depois, na cidade de Cametá, no Pará. (CASCUDO, 2001, p. 28).

A lenda finda por afirmar que não há, no Pará, quem ignore a existência da Cobra Norato. Seus caminhos são ainda apontados por canoeiros, pescadores e ribeirinhos que contam que “Ali passava, todo dia, a Cobra Norato...” (CASCUDO, 2001, p. 28).

Esta narrativa, além de ter sido retirada do livro *Lendas Brasileiras* (2001) de Cascudo, apresenta-se em local certo, portanto, não podemos ignorar seu estado de lenda. Porém, é preciso conceber sua origem a partir de um mito de encantamento, que neste caso, foi quebrado pelo ato heróico de um soldado. Honorato cumpriu seu fado.

Nunca o indígena brasileiro conceberia a Cobra Grande transformada em moça bonita, de pele branca, olho de xexéu, cantando. Não concebia e continua não concebendo. (CASCUDO, 1967, p. 121 – 122).

Cascudo (2002) afirma que o elemento de transformação, portanto, a figura humana não constava para o indígena. Seus bichos, mesmo que em histórias maravilhosas, não figuravam homem e animal. Este elemento é, segundo o autor, característica importada, ou, como o próprio afirmou, elemento alienígena, fruto da miscigenação de nossa cultura. Cascudo (1967) ainda vai dizer que não é mais possível separar, ou seja, tirar do imaginário nacional este elemento de importação. Já faz parte do folclore brasileiro.

3. 2 SANTARÉM CONTA... “A COBRA GRANDE DE ALENQUER”

Como dito anteriormente, são inúmeras as narrativas de Cobra Grande existentes no Pará. Na coleção *Pará conta*, organizada por Maria do Socorro Simões e Christophe Golder, é possível encontrar várias com aparições de cobras, sejam elas encantadas, que tomam forma humana e cumprem um destino, ou a história de um bicho que vive nos rios assombrando navegantes, ou ainda histórias com fins moralistas, de desmascarar a falsa donzela que deu a luz a uma cobra. No livro *Santarém Conta...*, que integra a coleção do IFNOPAP, são encontradas oito histórias de Cobra Grande, porém, interessa a esta pesquisa apenas “A cobra grande de Alenquer”, pois, com ela, é possível fazer a relação que se faz objetivo desta pesquisa, além de se assemelhar com a versão de Cascudo (2001).

“A cobra grande de Alenquer” conta a história de uma mulher que, ao sentir uma forte dor no ventre, foi procurar um curandeiro que disse ter, a moça, sido flechada pela mãe d'água e tinha de esperar para dar a luz a dois bebês. Ao nascer veio a surpresa: as crianças se transformavam em cobras à noite e choravam muito, mas tornavam a ser crianças quando o pai abria a porta e/ou quando amanhecia o dia.

A mãe então procurou um curandeiro que a mandou pô-las no sol quente, as duas crianças, então, transformaram-se em cobras. O curandeiro a mandou soltá-las na água. Assim a mãe fez. As duas cobrinhas se despediram com a cauda e foram embora no rio, Noratinho e Joaninha, abençoadas pela mãe.

Noratinho era uma cobra boa, mas a irmã, muito má, chegou a virar uma canoa e comer a moça que ia nela. O fato irritou o irmão, que lutou com ela até lhe furar um olho. Sem saber o que fazer, Noratinho apareceu, duas vezes, em sonho para a mãe, pedindo-lhe conselhos, pois a irmã, de tão má, tentava lhe comer. A mãe sempre o aconselhava a fazer o que achasse melhor.

Um dia, os dois lutaram e Noratinho conseguiu furar o outro olho da irmã e a prendeu debaixo da cidade de Óbidos, pondo um jacaré de dois metros para alimentá-la. Depois da luta, o irmão bom passou a procurar quem o desencantasse. Encontrou um soldado que disse ter coragem, mas Noratinho estava tão velho que sua calda estava muito grossa e o soldado não teve força para cortá-la.

Ele era encantado e não voltava daquela doença que ele tinha, né. Então, tentava se libertar e não tinha como. Até que achou esse soldado de coragem mesmo. Aí, foi, só que ele já estava muito velho e o rabo estava ficando muito grosso. E cada vez ele ia crescendo. Então, quando o soldado foi lá, disse que não teria coragem, porque não tinha força para cortar o rabo dele. Estava muito grosso. Ele foi e sumiu no rio e nunca mais foi desencantado. (SIMÕES E GOLDER, 1995, p. 125).

Noratinho então, permaneceu em Alenquer cumprindo o seu fado. Joaninha, em Óbidos, cumpre o destino que o irmão lhe impôs, prometendo derrubar toda a cidade, caso alguém mexa com a santa do município.

Semelhante à anterior, “A cobra grande de Alenquer” também é uma narrativa que se configura como mito de encantamento, desempenhando, portanto o papel de lenda de cunho punitivo, segundo Cascudo (1967). Não há indícios, nessa narrativa, que ela explique a fundação de uma e/ou das duas cidades, apenas que a história se passou no tempo do princípio, mas é fato que ela está diretamente associada ao fado do desaparecimento da cidade de Óbidos. “Cobra Norato” menciona este fato. Há, neste momento, uma interligação entre as narrativas, com certa variação.

Na versão de Cascudo (2001) a irmã de Honorato tenta, em meio suas maldades, derrubar a cidade de Óbidos, mordendo a calda da cobra que vive embaixo da cidade. Em “A cobra grande de Alenquer” a cobra que habita o subterrâneo do município é a mesma irmã de Noratinho (Honorato), mas ambas estão ligadas ao destino da cidade de Óbidos.

Temos, portanto, duas narrativas que apresentam o bom e o mau, o herói e

o vilão, Honorato e Maria Caninana, Noratinho e Joaninha. Desta forma, destacamos, em ambas, a intenção de “educar a inteligência do selvagem” (MAGALHÃES apud CASCUDO, s/d, p. 207), papel da lenda, enquanto método educativo, segundo o autor. Para Cascudo (1976) estas narrativas nos ajudam a criar valores morais:

As estórias que ouvimos quando crianças constituem a iniciação à cultura geral. Por elas, antes de qualquer outro texto, aprendemos as noções claras da Justiça, a soberania da Bondade, o inevitável castigo ao Mau. (CASCUDO, 1967, p. 59).

Estes valores, não morais, mas culturais, veremos no reflexo, ou melhor, na influência direta que a lenda da Cobra Grande possui sobre a cultura do nativo da cidade de Bujaru, a partir da narrativa “Boca da Cobra Grande” recolhida para esta pesquisa, no capítulo que se segue.

4 BUJARU: A LENDA E SEU NOME, SEUS COSTUMES, SEU ESCUDO

Diferentemente das narrativas citadas anteriormente, a “Boca da Cobra Grande” é uma lenda que ainda não foi compilada, porém, detém tamanha importância quando se mantém viva na tradição e nos costumes da cidade de Bujaru-Pa, a começar pelo nome.

Segundo o site oficial do município, a palavra Bujaru tem origem indígena, que significa “boca de cobra”, ainda segundo esta fonte, a cidade que se emancipou em 1943, anteriormente pertencente ao município de São Domingos do Capim, está localizada à margem esquerda do Rio Guamá.

Os nativos afirmam que a cidade recebe esse nome por dois motivos. O primeiro seria pelo formato do rio, que visto de cima, assemelharia-se a boca de uma cobra. O segundo é a crença na lenda da “Boca da Cobra Grande”, o que reafirma a fala de Cascudo (1967), quando diz que “A lenda localiza-se freqüentemente, dando renome aos lugares consagrados por ela.” (CASCUDO, 1967, p. 87).

Diz a lenda que no rio que banha a cidade habita uma Cobra Grande. Segundo os contadores de história que colaboraram com esta pesquisa, é uma moça bonita vestida de cobra em busca de alguém que a desencante. Para que isto aconteça, é preciso que alguém lhe abra um golpe na cabeça com um terçado, e pingue vela benta na ferida. Porém, não houve, até hoje, quem se atrevesse a cumprir o feito e, por isso, a cobra continua habitando as águas do Rio Guamá, protegendo as ilhas ao redor de Bujaru.

Vê-se aqui, novamente, o encantamento e, portanto, a presença da miscigenação, quando a lenda traz a figura humana transformada em cobra. Elemento importado da Europa, segundo Cascudo (2002). O autor vai afirmar ainda que:

Só poderiam, evidentemente, cumprir a mensagem do terror ajustando-se ao entendimento receptivo dos futuros apavorados. [...] Assim, os nossos monstros aceitaram o processo acultrador para a adaptação psicológica ao novo ambiente [...] Nunca um indígena brasileiro conceberia a Cobra Grande transformada em môça bonita [...] (CASCUDO, 1967, p. 121-122).

O nosso contador de histórias, Cumpadi Neco, afirmou lembrar de um episódio, que se passou em uma ilha chamada Ponta Negra, por volta de 1965, quando o prefeito da cidade de Bujaru tentou construir uma serraria. Os trabalhadores passaram o dia inteiro construindo e no dia seguinte, quando retornaram ao trabalho, perceberam que estava tudo destruído. Tentaram várias vezes, mas sempre acontecia a mesma coisa, até que abandonaram a obra. Segundo ele, isso aconteceu porque “tudo tem mãe”, a mata, as águas, as ilhas e a Cobra Grande estaria ali protegendo o que seria sua pátria.

Que eu me lembro...e que aconteceu mesmo, mas muito antes de os 40 anos atrás, do que eu tô falando pra frente. Isso aconteceu na...Ponta Negra, pois é, então lá ela era uma ilha, era não, inda é uma ilha, era meia deserta, tá, então o povo, eu não cheguei a ver, mas o povo, os antigo, muitos viram, inclusive tinha o prefeito daqui, nessa época, seu Rodrigues que era o prefeito nessa época, eles foram construir lá, uma serraria nessa dita ilha, tá, eles foram construir, isso eu me lembro, que foi no ano de mil novecentos e sessenta....e cinco, nessa faixa...eles foram construir lá, quando eles armaram toda a construção, aí que vieram, quando foi n'outro dia eles chegaram tava tudo desmoronado já, né, ainda tentaram, várias vezes, aí quando não conseguiram, deixaram no local, abandonaram, não foram mais lá, isso é verdade, aconteceu. (Trecho da narrativa oral recolhida)

Conta-se ainda, que o habitat da cobra é debaixo do cais de arrimo da cidade, mas antes, ela vivia em uma ilha, próximo a localidade chamada de Pernambuco, e que por ter saído dali, a ilha foi destruída e o canal desapareceu. Hoje, há apenas uma parte da ilha e o canal, por onde passavam embarcações, secou, tornou-se praia.

“A Cobra Grande, poderosa, informe, comandando as águas do rio-mar, mito proteiforme primário, explicador de erosões e desnivelamentos ribeirinhos”. (CASCUDO, 1967, p. 137). A lenda da “Boca da Cobra Grande” busca, portanto, explicar certos acontecimentos, aparentemente sobrenaturais “cujas causas ignoram, e não procuram descobrir, casam-se tão bem na imaginação, que passam a ser verdades incontestáveis.” (RODRIGUES apud CASCUDO, p. 155-156).

Tem-se aqui, portanto, uma narrativa que, ao ocorrer em lugar certo, ou seja, ao fixar-se geograficamente, assume o estado de lenda, sem que possa ser ignorada a sua origem em mito de encantamento passível de terminação, o qual não foi, ainda, quebrado por ato heroico de criatura viva.

A crença nesta lenda é tão viva na cultura do povo nativo daquele município

que não se observa o banho de rio, com a mesma frequência que acontece em outras cidades ribeirinhas. Muitas pessoas, ao morrerem afogadas naquele rio, não tiveram seus corpos encontrados e, por isso, acredita-se que eles tenham sido engolidos pela cobra, ao contar este fato, em uma conversa informal, Tângaha Luz, bujaruense, jornalista e professor, usou a seguinte expressão: “Filha, é de arrepiar”.

Durante a pesquisa, foi possível observar a maneira como o nativo mantém viva esta tradição em seus costumes. Diante de uma imensidão de rio que banha a cidade, o bujaruense prefere pegar alguns quilômetros de estrada e banhar-se nos igarapés rasos dos balneários, ao arriscar mergulhar nas águas, onde acredita viver a Cobra Grande. O cais não adentra a água e possui uma grade protetora separando a cidade do rio. Cascudo (1967) irá dizer que “Como estão em canto certo, a lenda nasce, como uma fantástica coordenada geográfica, limitada pelo pavor” (CASCUDO, 1967, p. 88).

Observamos, portanto, a atualização imediata deste folclore, que se mantém vivo e útil a partir de alguns elementos comprovadores. A grade protetora apresenta-se, pois, como o que Cascudo (1967) chamou de fantástica coordenada limitada pelo pavor. Ao notar a presença deste elemento, reafirmamos ainda mais o costume do “não-banho” naquelas águas, uma vez que se estabelece um limite, ou uma área de segurança comum a todos os moradores.

De maneira ainda mais forte, a lenda se faz presente no nome do município a partir de sua significação: “boca de cobra”. Desta maneira, ainda que um dia o bujaruense deixe de acreditar na existência da Cobra Grande, esta ainda se fará presente, não mais nos hábitos diários, mas ligada ao tempo do princípio, à história, à origem, portanto, ao folclore da cidade.

Ainda mais significador, o escudo da cidade figura a presença de duas cobras entrelaçadas. Elemento que também permanecerá, ainda que a crença deixe de manter-se no hábito normal, porém, é preciso destacar a importância deste brasão para esta tradição a partir do momento em que verificamos a presença de outra cobra, o que nos remete a acreditar que algo foi deixado para trás na trajetória oral desta narrativa.

Tôdas as assombrações e visagens que povoam as águas, serras e cidades do Brasil, as que aparecem nas estradas e ruas desertas às horas abertas, meio-dia e meia-noite, crepúsculos matutino e vespertino, modificam-se sensivelmente desde o século XVI. (CASCUDO, 1967, p. 121).

Não há, nas histórias ouvidas, nenhuma que conte, como nas anteriores, como a cobra grande nasceu, nem há indícios de um irmão. Mas, como o folclore se modifica no tempo e no espaço, entendemos, pois, que este outro personagem tenha sido esquecido na transmissão desse conhecimento.

Conceberemos, portanto, o escudo da cidade como um indício da existência de outra cobra, não citada pelos contadores, que seria possivelmente o irmão Honorato, na versão de Cascudo (2001), ou Noratinho, na versão coletada por Simões e Golder (1995), uma vez que a cobra que protagoniza a narrativa coletada em Bujaru aparece em figura de mulher e cumpre feitos que aterrorizam os moradores da cidade, semelhante aos atos de Maria Caninana e Joaninha.

Investigar este fato não é tarefa desta pesquisa, porém, vale ressaltar a importância desta observação que pode servir para pesquisa posterior. Para esta, importa perceber a maneira que a lenda da Cobra Grande está ligada à fundação da cidade de Bujaru se mantém viva nas tradições do povo nativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho preocupou-se em definir o conceito de folclore em relação ao seu estudo crítico, seguindo a perspectiva de Luís da Câmara Cascudo em toda a sua pesquisa folclórica, para então compreender a lenda e o mito e, por conseguinte, a lenda da Cobra Grande no Pará.

Diante da imensidão da pesquisa de Cascudo e, portanto, de sua importância, é evidente que este trabalho consegue, apenas, trazer um resumo do conceito de folclore, lenda e mito. Porém, ao finalizar este trabalho, compreendemos a importância da Cobra Grande para o imaginário do homem nativo do Pará, concordando, pois, com Cascudo (2002) quando afirma esta ser uma das mais importantes manifestações folclóricas da Amazônia. Como dito na introdução deste trabalho, o objetivo não era descobrir a origem da lenda, mas compreender sua relação com a fundação das cidades de Alenquer, Óbidos e Bujaru.

É fato que nenhuma das narrativas aqui apresentadas traz, de maneira explícita, a história da origem destas cidades. Mas, em relação à Alenquer e Óbidos, podemos afirmar que, apesar de não explicar, a lenda da Cobra Grande está ligada ao tempo do princípio e ao fado do desaparecimento da cidade de Óbidos, como verificamos a partir da narrativa coletada por Simões e Golder (1995), bem como menção a este fato na versão de Cascudo (2001).

A “Boca da Cobra Grande”, no entanto, nos apresenta mais elementos que nos remetem ao objetivo proposto. Uma vez tendo a lenda vivamente presente no nome do município, Bujaru, mantém vivo e útil o seu folclore por meio de uma crença presente em seus hábitos diários, imediatamente atualizados.

Ao ouvir os contadores de histórias, não verificamos menção, propriamente, à origem da cidade, mas ao observar a presença da figura da Cobra Grande no escudo da cidade, bem como no nome, podemos, sim, chegar à conclusão de que, nesta narrativa, “A lenda localiza-se (...) dando renome aos lugares consagrados por ela”. (CASCUDO, 1967, p. 87).

A Cobra Grande é, portanto, um mito de grande importância para o folclore desta região que, ao assumir o estado de lenda, fixa-se em determinadas

localidades, rege costumes, explica fatos, acontecimentos, erosões, desaparecimentos, aparentemente sobrenaturais, deleitando o nativo corajoso “a ponto de muitas vezes repetir a fábula arrepiado e assombrado.” (RODRIGUES apud CASCUDO, s/d, p. 216).

Desta forma, este trabalho ganha, devida importância, quando valoriza a cultura de um povo, regia pelo seu próprio folclore, cumprindo as exigências do *folk-tale*, repassando suas crenças por meio da oralidade, atualizando-se, renovando-se, e conservando-se nos seus hábitos diários.

Compreender o que pretende este trabalho, ou seja, estudar a Cobra Grande e sua relação com os costumes diários do homem bujaruense pelo viés da ciência é um tanto desafiador, uma vez que essa lenda compõe nosso patrimônio de tradições. Tendo crescido ouvindo essas histórias de assombro, crendo, pois, na existência da Cobra Grande no subterrâneo de Bujaru, a experiência desta pesquisa vem a ser fantástica, uma vez que vacilo entre olhar a lenda sob o âmbito da ciência, como explicadora de fatos aparentemente sobrenaturais, ou crer e, portanto, não duvidar do que ouvi, arrepiada de assombro, daqueles contadores que dizem ter sido verdade o que viram naquelas águas.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. DO FOLCLORE À CULTURA POPULAR. In: **Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, 2008.

CARVALHO, Flávia Medeiros de. **O dicionário do folclore brasileiro: um estudo de caso da etnoterminologia e tradução etnográfica**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2013, 252 f. Dissertação de mestrado.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. (Org.)_____.4 ed. São Paulo: Martins Editora, s/d.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12 ed. São Paulo: Global, 2012, p. 304-305; 306.

_____. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

_____. A Cobra Norato (Pará). In: **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 3 ed. São Paulo: Global, 2002, p. 292-294.

_____. Cobra Norato. In: **Lendas Brasileiras**. 7 ed. São Paulo: Global, 2001, p. 25-28.

_____. **Literatura Oral no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. Uso e Abuso do Folk-Lore. In: **Arte e Literatura**. Belém: A Folha do Norte, 1947.

ELIADE, Mircea. A estrutura dos mitos. **In: Mito e Realidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 7-23.

JQUES, Felipe Estevam. A Catástrofe da Iara e o reconhecimento de Cobra Norato: duas lendas brasileiras na perspectiva do trágico. **In: Revista Tempo, Espaço e Linguagem**. 2011, p. 20.

MAGALHÃES, Couto de. – as lendas encaradas como método de educação intelectual. **In: Antologia do Folclore Brasileiro**. (Org.) CASCUDO, Luís da Câmara. 4 ed. São Paulo: Martins Editora, s/d. p. 207-209.

MORAES, Carlos Antônio de. **Câmara Cascudo e Mário de Andrade**: Cartas 1924-1944. (Org.). _____; ensaio de abertura Anna Maria Cascudo Barreto; prefácio Diógenes da Cunha Lima; introdução Ives Gandra da Silva Martins. São Paulo: Global, 2010.

PELLEGRINE FILHO, Américo. **Antologia do folclore brasileiro**. (Org.). _____. São Paulo: EDART, 1982.

RODRIGUES, Barbosa. – lendas, crenças e superstições. **In: Antologia do Folclore Brasileiro**. (Org.) CASCUDO, Luís da Câmara. 4 ed. São Paulo: Martins Editora, s/d. p. 216-217.

SIMÕES, Maria do Socorro. GOLDER, Christophe (Coord.). A cobra grande de Alenquer. **In: Santarém Conta**, Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995. p. 123-126.

<http://www.bujaru.pa.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?!LdMun=100115030>

ANEXOS 1

TRANSCRIÇÃO DE NARRATIVA ORAL

Entrevistador: Luciana Caroline Oliveira e Walessa Luzia Machado dos Reis

Entrevistado: Bruno dos Santos Batista (Cumpadi Neco)

Grande, é a boca da cobra grande, que as duas trançadas faz no escudo de nossa bandeira de nosso lindo Guará, tá?

E...falando em cobra grande, eu já vi a cobra mesmo, eu já vi a cobra aqui desse rio Guamá, né...Próxima a essa ilha aqui à foz do Pernambuco, mais ou menos...dois metros de altura, assim pra fora d'água. Eu passeando de ca... passeando não, andando de canoa né... é, pro, no rumo de Inhangapi, pra lá. Aí eu até, coisa fiquei, já a cobra né, que quando longe eu vi ela, aí ela foi sumindo né, sumindo na água, aí eu preocupado de que ela viesse pro lado da gente, muito pelo contrário, né, ela não veio, ela sentou, pra lá ficou, quer dizer...

Então, se eu comecei fazer essas histórias de cobra grande, então também, porque a nossa bandeira, nosso município tem as duas cobras trançada, mas porque significa? Curva, a curva do Rio Guamá, tanto a de Pernambuco, como quem vem de Caraparu pra cá faz as curvas né que se trans, que se trans...é...formou em cobra grande, aqui a boca da cobra grande. Então, eu, um pouco da história que eu conheço do nosso município é isso. Também, que o nome, né, da cidade acontece por conta disso. Tanto pela curva aí do rio, que parece uma boca de cobra, né, parece também duas cobra trançada, também por causa dessa história que ela vive, né, que ela vive aqui nesse rio.

Os...mais antigos do que eu, diziam que, ah, também aqui onde é o cais de arrimo, onde eu conclui a letra da cobra grande, eles diziam que tinha o subterrâneo da cobra, que inclusive aqui por debaixo do, daquela primeira casa que Bujaru tem, que é lá também, perto do cais de arrimo, lá disque ela tinha o, o respiro dela né, da cobra.

Então, também essa cobra, ela é encantada né. Ela é encantada que ela penetra do Guajará, do rio Guajará pra cá e que é uma moça bonita, encantada, essa cobra

grande. Ela se veste...de cobra, mas é encantada, procurando que alguém desencante ela, que até hoje nunca desencantaram, a cobra encantada que, tem as lenda, mas essas lendas só conclui os encante, então também é uma cobra encantada.

Então, pra nós, Bujaruense, aqui, nós temos muito o que com essa história de cobra grande, quando a gente faz história, eu, quando comecei a escrever poe...poemas né, letras que até hoje eu faço, tem esses problemas de cobra grande, Bom Entento, porque é uma história que, pra nós Bujaruense aqui, é uma relíquia pra nós.

Dizem que p'gente desenta...desencantar uma, tanto uma cobra, que, porque tem outros tipos de encante né. É cobra, outros diz que tem Oiara e assim por diante. Às vez ela vem pra gente, aí a gente tem medo né, porque é uma cobra [...], dizem que, que a gente... se tiver coragem, mas não é também qualquer pessoa [...], que a gente dá um golpe com um terçado, com alguma coisa assim né, dá um golpe e pinga um pinga de vela... benta né, ela desencanta, mas como? Quem tem coragem pra isso né? Mas pode acontecer, então é assim que desencanta: corta, quando ela vem, que ela vem assustando né, a gente, que às vezes a gente pensa que é coisa de outra coisa...às vezes não, é um encante, que a gente tem vários encanto nesse mundo, que a gente não tem como descobrir.

O esconderijo de cobra nas ilhas, que é o segredo que tem né, isso, essa ilha que nós tamo logo aqui acima, perto de Pernambuco, lá co...que frizei ainda agora, tá com essa faixa de um trinta e poucos anos, aonde acumulava uma cobra, que antigamente era o canal, muito grande, que hoje em dia tá, se transformou tudo em praia, lá antigamente era o local onde ela convivia, a cobra, nessa ilha ali. Aí uns tempo, a ilha, caiu uma parte, por que? Ela se mudou de lá da ilha, q'onde ela, convivia né, que era, bem até um pouco de várzea, quando ela se mudou, aí caiu a ilha, porque sempre cobra, onde ela se acumula, é...aguenta o local, né se ela tá por debaixo ela tá, penetrando, se ela passa, passa pra outro local, ela perde, então ela cai, porque ela não tem como administrar aquela parte, quer dizer, então essa parte lá arriou, desmoronou tudo aí, hoje em dia tá só o pedaço da ilha, inclusive secou, por onde a gente andava, os barcos andavam, hoje não tem mais nada de canal, porque ela saiu, hoje é só praia [...]

Que eu me lembro...e que aconteceu mesmo, mas muito antes de os 40 anos atrás, do que eu tô falando pra frente. Isso aconteceu na...Ponta Negra, pois é, então lá ela era uma ilha, era não, inda é uma ilha, era meia deserta, tá, então o povo, eu não cheguei a ver, mas o povo, os antigo, muitos viram, inclusive tinha o prefeito daqui, nessa época, seu Rodrigues que era o prefeito nessa época, eles foram construir lá, uma serraria nessa dita ilha, tá, eles foram construir, isso eu me lembro, que foi no ano de mil novecentos e sessenta....e cinco, nessa faixa...eles foram construir lá, quando eles armaram toda a construção, aí que vieram, quando foi n'outro dia eles chegaram tava tudo desmoronado já, né, ainda tentaram, várias vezes, aí quando não conseguiram, deixaram no local, abandonaram, não foram mais lá, isso é verdade, aconteceu.

Pois é, se nós temo nossas mãe, o mato também tem mãe, tá, a água tem a mãe, tudo tem mãe, tem alguém que teja protegendo, então é assim, ninguém pensa que eu vou entrar no mato sem...e dizer, que horas que eu vou entrar que horas que eu vou...tem gente determinando, tudo tem mãe, tudo tem uma certa administra...como nós somos administrador das nossas casa, tem o prefeito pra administrar, tem o presidente pra administrar nosso país, também o mato tem os administradores, que se num tivesse no mato quem o dominasse, a gente, por exemplo, quando a genteia lá no mato, quantas pessoas vão no mato que, inclusive, eu inclusive, eu já fui ariado no mato por...com a curupira, eu já fui, então tudo tem mãe. Que às vezes o pessoal entra no mato, aí não pede permissão pra entrar, vai adentrando, e não é por aí o canal, então tudo tem mãe, tudo tem mãe, certo limite, tudo tem mãe...

Porque a cobra, ela é uma protetora né, protetora das ilhas que ela pertence, enfim, então ela faz parte de, de defender a pátria dela, que pra mim, uma ilha, uma cobra grande tem a pátria dela, capaz de manobrar, defendendo que outra pessoa possa destruir, é meu entendimento...

A cobra grande, os antigos, meus avós, né, meu pai ele chegou a ver essas história. Então de lá pra cá, com as história que contava, eu ficava assim: mas como é que existe, será que existe, aí tá, até chegar a oportunidade d'eu vê com meus olhos...

ANEXOS 2

TRANSCRIÇÃO DE NARRATIVA ORAL

Entrevistador: Luciana Caroline Oliveira e Walessa Luzia Machado dos Reis

Entrevistado: José Arimateia Pereira de Holanda

Eu, uma vez, isso há cinquenta anos atrás, eu viajando pra Belém, eu com o ex-prefeito Raimundo Lopes, que já é falecido... Aí, a gente ia ali pela, pelo Caraparu, mais ou menos, acima do Caraparu, aí, às seis horas da tarde, aí ele falou assim:

- Seu Zé, olha, lá está a cobra, a Cobra Grande.

Aí eu disse...[...]:

– Cê está de sacanagem.

Aí ele disse:

– verdade

Aí que eu olhei, era mesmo, ela tava assim, com uma faixa de uns dois metro pra fora. Na hora que eu olhei, aí ela... sentou.